

# A MEDICINA E SUAS POLIFONIAS: VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS EM DIFERENTES TEMPOS DAS PANDEMIAS

Marcia Barros Valdivia<sup>1</sup>

## RESUMO

Este artigo é o resultado das reflexões de pesquisadores sobre o enfrentamento da pandemia do novo Corona Vírus que foram geradas no II Simpósio Nacional Tecituras da cidade que trouxe como tema “Cidades: As epidemias na História” organizado pelo Núcleo de Estudos de História Social da Cidade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em parceria com o Instituto Bixiga Pesquisa, Formação e Cultura Popular.

**Palavras-chave:** história; medicina; discursos médicos.

## ABSTRACT

This article is the result of the reflections of researchers about the new Corona Virus pandemic that were generated in the II Simpósio Nacional Tecituras of the city that brought as its theme “Cities: Epidemics in History” organized by the Center of Studies of Social History of the City of Pontifical Catholic University of São Paulo in partnership with the Bixiga Research, Training and Popular Culture Institute.

**Keywords:** history; medicine; medical speeches.

---

<sup>1</sup> Doutora em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Pesquisadora do NEHSC. Docente História da Arquitetura e da Arte E-mail: <darasherazade@yahoo.com.br>

A palavra medicina, derivada do latim *mederi*<sup>2</sup>, tem como significado saber o melhor caminho a ser percorrido para identificar, cuidar, curar e prevenir os mais variados tipos de patologias que têm diversos agentes causadores. As reflexões do presente artigo estão voltadas aos microrganismos devido ao cenário atual da COVID-19<sup>3</sup> que significa *Corona Virus Disease* (Doença do Coronavírus), nomenclatura usada para catalogar a Síndrome Respiratória Aguda Grave que obteve visibilidade de casos no ano de 2019.

As primeiras formas de seres do planeta Terra foram os microrganismos<sup>4</sup> que surgiram aproximadamente à quatro bilhões de anos, são eles: as bactérias, os protozoários, os fungos e os vírus. Somente com o surgimento dos estudos e a evolução da investigação desses corpos tão pequenos é que houve a oportunidade de catalogá-los devidamente através da microbiologia. Nesse percurso, no final século XVI, a invenção do aparelho do microscópio veio ser de grande relevância contribuindo para o saber microbiológico<sup>5</sup>, este que, em

---

<sup>2</sup>A palavra “medicina” vem do latim *mederi* cf.: VILELA MM, Ferraz ML. Dicionário de Ciências Biológicas e Biomédicas. Atheneu, Rio de Janeiro, 2007.

<sup>3</sup>A COVID-19, apesar de ter sintomas e sinais semelhantes a gripe, difere-se desta enfermidade porque o agente causador da gripe é o vírus denominado *Myxovirus influenzae* ou vírus influenza com suas devidas subdivisões. Cf.: TONIOLO, Neto J. “*Dia de Vacinação do Idoso*” e “*Projeto VigiGripe*”: *Conjunto de medidas interativas para a prevenção da influenza e suas complicações*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de São Paulo. Programa de Pós-graduação em Medicina Interna e Terapêutica. São Paulo: Escola Paulista de Medicina, 2001.

<sup>4</sup>Sobre esse assunto cf.: ORGEL, Leslie. *As origens da vida: Moléculas e Seleção Natural*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.

<sup>5</sup>Os avanços da microbiologia ocorreram com mais rigor a partir do século XIX devido aos estudos de Louis Pasteur e de outros estudiosos contemporâneos ao referido cientista. Sobre esse assunto cf.: GEISON, Gerald. *A ciência particular de Louis Pasteur*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

1937, conseguiu visualizar a forma do Corona Vírus isolado no ano de 1965.

Na atualidade, há uma mobilização dos profissionais da saúde em uma corrida contra o tempo em favor da vida. Enquanto as vacinas estão sendo estudadas para a imunização contra o COVID-19<sup>6</sup>, há medicamentos, como a Cloriquina, a Hidroxicloroquina, o Rendesevir, e a Ivermectina, que vêm ganhando visibilidade para o tratamento e prevenção da doença, mas os estudos de Natália Pasternak Taskner<sup>7</sup> apontam que mais de dezessete medicamentos estão sendo pesquisados sem respostas definitivas com a devida comprovação científica.

Os discursos e o ato médico, ao lado de outras hegemonias, exercem poderes dentro da sociedade, pois a medicina atesta a vida, a morte, a saúde, a aptidão para o trabalho entre outras ações que ditam regras de medicalização do corpo humano.<sup>8</sup> A presente reflexão encontrou equívocos e dúvidas sobre as enfermidades na atualidade e também em diversas temporalidades históricas, assim como a intromissão ou a ausência do Estado em contextos históricos do passado que permanecem residuais na atualidade.

---

<sup>6</sup>O Coronavírus pertence a uma família de vírus que causa infecções no sistema respiratório alojando-se nas vias respiratórias inferiores do corpo humano podendo atingir outros órgãos vitais como: o coração, o fígado, os rins e o intestino. Em 1937, foram registrados os primeiros casos do vírus, que logo foi isolado e somente em 1965 foi caracterizado como Coronavírus em decorrência da sua forma no microscópio. Pelo fato de ser um vírus mutante, existem sete tipos de corona vírus catalogados, são eles: *Alpha Coronavírus 229E*, *Alpha Coronavírus NL63*, *Beta Coronavírus OC43*, *Beta Coronavírus HKU1*, *SARS-COV (2002)*, *MERS (2012) SARSCOV 2 (2019)*. Sobre esse assunto cf.: OLIVEIRA, L. H. S. *Virologia Humana*. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1994.

<sup>7</sup>Confira os trabalhos da referida pesquisadora como: TASHNER, Natália. P. *Ivermectina é o novo bezerro de ouro da pandemia*. Revista Questão de Ciência, 15 jun. 2020.

<sup>8</sup>Cf.: LLICH, Ivan. *A expropriação da saúde. Nemêsis da medicina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

A divisão da história da humanidade na clássica linha do tempo, História Antiga, Média, Moderna e Contemporânea<sup>9</sup>, foi utilizada nesse artigo para dar visibilidade a algumas patologias ao longo dos séculos e facilitar a compreensão das relações do discurso e do ato médico com as hegemonias como, por exemplo, o diálogo entre a medicina, os sacerdotes e as sacerdotisas na Grécia e na Roma antiga; na Idade Média, a relação da medicina com o clero; na Idade Moderna, o saber médico também se relacionou com o clero católico e com o protestante; e, no início da contemporaneidade, o diálogo do referido saber esteve com as hegemonias até hoje. Em todos os períodos houve a interface da medicina com o Estado ora em comunhão, ora em acordos, podendo haver também conflitos.

Vale ressaltar que houve, e ainda há, especificidades das referidas interlocuções no Extremo Oriente e no Oriente Médio como, por exemplo, os estudos anatômicos proibidos no Ocidente medieval que já eram realizados nas *madrassas* muçulmanas<sup>10</sup> contribuindo muito para o tratamento de doenças. Aqueles saberes orientais chegariam até o Ocidente europeu séculos depois mediante intercâmbio cultural que ocorreu, por muitas vezes, em formas de invasões como, por exemplo, durante as cruzadas católicas que foram até o Oriente e também nas

---

<sup>9</sup>A historiografia tradicional considera que a História tem início com o desenvolvimento da escrita que aconteceu cerca de 4.000 anos a.C. A partir dos registros escritos, existe uma divisão da História, feita de forma cronológica, que classifica cada período histórico em idades: Idade Antiga, Idade Média, Idade Moderna e Idade Contemporânea.

<sup>10</sup>Sobre o intercâmbio cultural entre o Ocidente europeu e o Oriente Médio cf.: BISSIO, Beatriz. *O mundo falava árabe. A civilização árabe islâmica através da obra de Ibn Khaldun e Ibn Battuta*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012

guerras santas islâmicas que invadiram vários lugares da Europa, entre eles, a Península Ibérica por volta do ano de 711.

Os discursos e as ações médicas no Ocidente estiveram preocupados com a profilaxia, palavra de origem da língua grega antiga que significa “cautela”<sup>11</sup>. Para exemplificar melhor a atuação dos médicos com base em suas narrativas ao longo da referida linha do tempo vale citar o Tratado de Hipócrates na Grécia Antiga chamado “Ares, Águas e Lugares”<sup>12</sup>, sendo este considerado um dos primeiros tratados de saúde pública. A profilaxia médica atuou interferindo nas cidades desde a antiguidade, modificando a arquitetura e o urbanismo por conta das diversas doenças como: a malária, a lepra, a varíola, a cólera, a febre tifoide, o tifo, a peste bubônica, a gripe, a tuberculose entre outras.

Na Idade Média, período muito extenso<sup>13</sup>, houve intercâmbios de enfermidades quando os corpos humanos estiveram envolvidos em várias guerras, viagens e êxodos entre feudos e burgos<sup>14</sup> em busca de melhorias de vida. Ocorreu que o clero católico discursava contra os cuidados e o conhecimento do corpo humano, dentre eles o discurso que afirmava o banho ser nocivo, pelo fato de que o mesmo estava associado aos banhos públicos da Idade Antiga que, por sua vez, tinham

---

<sup>11</sup>Profilaxia: vocábulo de origem de grega que tem como significado cautela. É parte da medicina que estabelece medidas preventivas para a preservação da saúde. Cf.: VILELA. op. cit.

<sup>12</sup>Sobre esse importante estudo cf.: CAIRUS, HF. *Ares, águas e lugares*. In: CAIRUS, HF., and RIBEIRO JR., WA. *Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005.

<sup>13</sup>A historiografia tradicional data o referido período entre os anos de 473 a 1453.

<sup>14</sup>LE GOFF, Jacques, *A Civilização do Ocidente Medieval*. Lisboa: Editorial Estampa 1995.

relação com o prazer e a sexualidade. A outra questão era a afirmação de que os banhos eram prejudiciais à saúde pois eram causadores de enfermidades. Vale lembrar que as águas na Idade Média não eram potáveis, pois nelas eram jogadas fezes, urinas, excrementos, entre outros elementos. Sendo assim, as pessoas banhavam-se vez por outra em tinhas, e esse fator demonstra o equívoco dos discursos médicos e do clero em relação à higiene e à saúde. O problema não estava no banho, mas na falta de saneamento básico que era desconhecido naquele período, impedindo a construção de redes de água e esgoto tratados devidamente.<sup>15</sup>

Além das doenças mencionadas na Idade Antiga que continuaram a atingir a sociedade, acrescenta-se, ao período medieval, doenças como o sarampo, a escarlatina e a famosa peste bubônica, também conhecida como peste negra, assim chamada porque, ao causar infecção na corrente sanguínea, gerava manchas escuras no corpo. A referida patologia tem como agente a bactéria *Yersinia Pestis* e como vetor pulgas e/ou piolhos. Os ratos foram identificados como os principais vetores. Ocorre que essa doença pode, também, ser transmitida do ser humano para o animal como, por exemplo, uma pulga não infectada pode se infectar ao picar uma pessoa que já estivesse com a bactéria conforme esclarece muito bem a citação abaixo:

“Uma vez instalada a epidemia na região, os doentes com a forma pulmonar passarão o bacilo para outros humanos pela

---

<sup>15</sup>VIGARELLO, Georges *O limpo e o sujo, uma história da higiene corporal*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

tosse, transmissão conhecida como de pessoa a pessoa por via direta. Aqueles que desenvolverem a forma septicêmica, com bacilos na corrente sangüínea, passarão a doença para as pulgas e estas para humanos sadios — transmissão conhecida como de pessoa a pessoa por meio da pulga. A presença de ratos — que por sua vez serão contaminados pelas pulgas que abandonarem os ratos mortos — potencializa a epidemia, aumentando o número de casos da doença. Portanto, as epidemias encontram terreno propício nas regiões com aglomerados populacionais e condições precárias de higiene, em que ocorre grande proliferação de ratos compartilhando espaço com os habitantes.”<sup>16</sup>

Um dos discursos e atos médicos equivocados sobre a peste bubônica foi o uso das máscaras em forma de capuz com um longo orifício em forma de bico onde era colocada uma variedade de ervas aromáticas e medicinais. Eram utilizadas mirra ou, também, cânforas e misturas em formas de unguento aromáticos<sup>17</sup>. Além da máscara, os médicos usavam luvas, casaca e chapéu de grandes abas. Toda essa indumentária era ineficaz porque a solução do problema estava na higiene adequada das cidades, do campo, dos corpos humanos e também do ambiente onde ficavam os animais. A doença ainda não está erradicada e pode ocorrer na atualidade, mas tem como ser tratada com antibióticos.

No período chamado de Idade Moderna, que compreendeu os séculos XIV a XVIII, essas doenças continuaram a assolar a Europa e outros lugares geográficos já que, nesse período, houve a colonização das Américas e as enfermidades afligiram a população nativa.

---

<sup>16</sup>UJVARI, Stefan Cunha. *A história e suas epidemias. A convivência do homem com os microrganismos*. Rio de Janeiro, Senac Rio; São Paulo, Senac São Paulo, 2003.

<sup>17</sup>Sobre esse assunto cf. MARTINHO. José. 1348. *A peste negra*. Rio de Janeiro: Excalibur, 2017.

Uma das patologias do período foram os casos da varíola, doença causada pelo agente viral denominado *Orthopoxvirus variolae*, na qual o vetor é o ser humano. Essa enfermidade pode levar o paciente a morte ou deixar sequelas como cegueira e marcas na pele. Foi o que aconteceu com a rainha da Inglaterra, Elizabeth I, quando contraiu a doença em 1562. Para cobrir seu rosto marcado, usou maquiagem como recurso para ter uma aparência alva e jovem. Por conta do elemento químico chumbo ser tóxico e estar presente na mistura que continha também vinagre chamada “ceruse veneziano”<sup>18</sup>, a rainha Elizabeth I acabou sofrendo de intoxicações do metal que, ao ser absorvido pela pele, caía na corrente sanguínea causando também a queda dos cabelos. A referida doença foi erradicada. Apesar de não ter cura, tem seus métodos de prevenção que são feitos com a vacina desenvolvida a partir do ano de 1796 com os estudos do médico Edward Jenner.

Na virada do século XVIII e início do século XIX, onde iniciou-se a Idade Contemporânea, os discursos médicos afirmavam que as doenças eram causadas pelos miasmas<sup>19</sup> que correspondiam ao conjunto de odores fétidos provenientes de matéria orgânica em putrefação que contaminava os solos as águas e o ar.

Em meados do século XIX, a teoria microbiana substituiu a teoria miasmática. A evolução do microscópio que já havia sido inventado no fim do século XVI e início do século XVII, proporcionou, com o passar

---

<sup>18</sup>Cf.: VIGARELLO, Georges. *História da Beleza: o corpo e a arte de se embelezar, do renascimento aos dias de hoje*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

<sup>19</sup>ROONEY, Anne. *A história da medicina: das primeiras curas aos milagres da medicina moderna*. São Paulo: M. Books do Brasil, 2013.

dos séculos, a visualização dos microrganismos através das lentes do aparelho, a catalogação de forma mais específica de cada um desses seres, e a percepção das especificidades de cada agente causador de enfermidades. Apesar desses novos estudos deixarem de lado a teoria dos miasmas, é relevante dizer que os microrganismos, como os protozoários, as bactérias e os vírus, podem ser encontrados no meio ambiente como nas águas, na terra e no ar.<sup>20</sup> Os trabalhos de Louis Pasteur e Robert Koch, na época, foram de extrema importância para o combate e a prevenção dos agentes microscópios que causavam e ainda causam doenças em animais e humanos.

No século XIX também ocorreu o diálogo entre o Estado, o discurso médico e as ações da engenharia e da arquitetura. Foi quando houve as reurbanizações das cidades através da arquitetura profilática como a que ocorreu em Paris através da gestão de Geórges Eugéne Haussmann entre os anos de 1851 e 1870 que conseguiu, com muito esforço, transformar Paris naquilo que Napoleão III queria: a capital da modernidade, que significava ser uma cidade bela e higienizada através da arquitetura Neoclássica e Eclética, onde a burguesia podia exibir seus corpos em trajés elegantes nos cafés parisienses.

As remodelações urbanísticas e arquitetônicas iniciadas no século XIX, e que prosseguiram no século XX na Europa, também chegaram às Américas e, a partir de 1808, no Brasil quando a família real

---

<sup>20</sup>Sobre a presença de microrganismos no meio ambiente confira: NICOLAU. B. Paula. *Microrganismo e Ambiente: Ar e água, solo e extremos*. Universidade Aberta. Disponível in: [https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/6135/1/UT4\\_Microrganismos%20e%20Ambiente.pdf](https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/6135/1/UT4_Microrganismos%20e%20Ambiente.pdf) Acesso: 20/07/2020

portuguesa fugia das guerras Napoleônicas. As referidas reformas acabaram segregando determinados sujeitos que não pertenciam à determinada classe social e que, por isso, não deviam ocupar a mesma paisagem urbana daqueles que podiam consumir naquele local, em lojas e restaurantes requintados, circulando com seus automóveis ou como pedestres sempre muito bem vestidos, calçados e perfumados.

A tecnologia foi aplicada ao cotidiano social com a “maquinização”/mecanização do tempo com o relógio, do trabalho com as fábricas, do transporte com as ferrovias e seus veículos de locomoção como o trem e a locomotiva. Mediante reformas das ruas e avenidas, os bondes elétricos e também os automóveis circulavam e, no início do século XX, o avião começou a ser usado. Houve, também, a “maquinização”/mecanização da comunicação com o telégrafo e com o telefone, do lazer com o cinema, além da imprensa escrita e do rádio. Tudo isso ampliou, também, a velocidade da propagação das notícias dos mais variados assuntos nos quais, entre eles, estavam as matérias sobre as epidemias que correspondem aos surtos transitórios de doenças, sobre as endemias que são referentes às patologias típicas de uma determinada região, e também sobre as pandemias que passam a atingir vários continentes ao mesmo tempo.

Os processos migratórios, fossem eles os êxodos rurais, as emigrações ou as imigrações entre continentes e/ou países, fizeram com que os corpos estivessem entre lugares e muitos migrantes trouxeram junto com os seus pertences os vírus, as bactérias e os protozoários. Diante dos surtos de enfermidades na linha do tempo

histórico, a hegemonia buscou, e ainda busca, um culpado fazendo uso das elaborações de discursos e ações que buscam a verdade absoluta. Nessa busca ocorrem muitos equívocos, até mesmo porque o mais adequado é buscar responsabilidade para o enfrentamento das patologias, porque as relações dos seres humanos entre si, inseridos em diversos contextos históricos, ocorreram e ainda ocorrem, muitas vezes, em conflito e também em harmonia.

O ser humano também se relaciona com os seres da fauna, da flora, e com os minerais. São nas relações antrópicas que estão os conflitos de ação do homem sobre o meio ambiente natural. Sendo assim, na linha do tempo histórico, a entropia esteve em interface com a busca do poder e do lucro gerando muitas guerras nas quais, entre elas, está o processo de colonização da América no século XVI e a neocolonização imperialista iniciada no século XIX, que gerou também tragédias naturais onde a própria natureza age através de erosão, erupção de um vulcão, terremotos, maremotos entre outros eventos de ação entrópica.

Acontece que, por conta das ações antrópicas, desastres como o rompimento de barragens de extração de minerais, enchentes por conta da retificação dos rios e uso do asfalto no meio urbano podem ocorrer. Nesse caso, todas elas envolvem decisões e ações em nome do modo de produção capitalista e a busca pelo lucro.

Uma das ações antrópicas na atualidade é a venda de animais para consumo alimentar. O comércio é feito mediante hábitos culturais da sociedade local onde estão situados os mercados vivos, como é o caso

de alguns países como a China, ou também onde há a criação para o abate mediante todas as regras sanitárias para o armazenamento, o transporte e a venda. Ocorre que cinco grandes epidemias zoonóticas do século XXI estão relacionadas à interação homem-animal como: SARS (2002 – 2003), Gripe Aviária H5N1 (2003-2004), Gripe Suína H1n1 (2009-2010), Ebola (2013-2018), Covid-19 (2019-2020). Portanto, a relação homem-animal precisa ser revista inclusive no viés do consumo de carnes na alimentação humana, onde muitos animais são submetidos às seguintes situações:

“Nestes estabelecimentos, bovinos de todas as condições, na maioria das vezes doentes, são submetidos a um ritual comparado aos mais terríveis massacres, abatidos sem as mínimas condições de higiene, muitas vezes embaixo de árvores ou em galpões improvisados, com piso de terra batida ou com arremedo de pavimentação, por pessoas e até crianças sem qualquer preparo e rodeadas por cães e outros animais a espera de restos que são atirados ali mesmo (...) O sangue que escorre dos animais moribundos fica por ali mesmo sendo pisoteado pelos operários desta carnificina, ou conduzido através de valas abertas no próprio solo para córregos ou rios, concorrendo para uma intensa contaminação da água que outras pessoas à frente irão utilizar para se banharem ou para uso doméstico, inclusive para o preparo de alimentos. Moscas e outros insetos povoam este quadro e não raro, ratos e até mesmo urubus dividem o luto e deixam a sua colaboração para o processo já acentuado de contaminação da carcaça. As partes não aproveitadas das carcaças são jogadas nos terrenos ao redor para deleite das aves de rapina, ao fim do qual o odor de carne deteriorada é insuportável, atraindo outros visitantes famintos ou servindo de meio de contaminação ambiental e

de transmissão de doenças para outros animais semelhantes.”<sup>21</sup>

Mesmo nos matadouros, onde ocorrem os abates nas condições da vigilância sanitária, os animais não são eximidos de sofrimentos.

Como já foi mencionado anteriormente, os discursos polifônicos da medicina estiveram atrelados ao interesse das hegemonias na história da humanidade. A relação do Estado com a medicina foi e ainda é muito delicada e, por muitas vezes, o discurso e o ato médico estiveram submetidos aos sacerdotes e sacerdotisas que até mesmo praticavam rituais medicinais nas civilizações antigas como na Mesopotâmia, no Egito, na Grécia e na Roma antiga. Além disso, pode-se afirmar que os médicos também foram impedidos de agir por conta do clero católico na Europa medieval e/ou também pelo clero protestante na Idade Moderna após a reforma protestante ocorrida em 1517, ou até mesmo em todas as temporalidades o Estado pode estar ausente por conta da submissão aos deuses, à Deus, ou por estar em situação de fragilidade mediante as guerras. Além dessas situações, o governo pode intervir indevidamente, como no caso do Brasil atualmente onde o chefe do poder executivo declara a eficiência do uso da Hidroxicloroquina sem as devidas comprovações científicas.

O “biopoder”, termo criado por Michel Foucault em diálogo com o termo necropolítica desenvolvido por Achille Mbembe<sup>22</sup> são essenciais para as reflexões que envolvem o discurso e o ato médico e as demais

---

<sup>21</sup> MAGIOLI, Carlos Alberto. *Abate Clandestino*. 2017 Disponível in <https://animalbusiness.com.br/colunas/inspecao-e-alimentos/abate-clandestino/> Acesso: 22/07/2020.

<sup>22</sup>Sobre esse assunto cf: MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: n-1 edições. 2018.

hegemonias mediante sociedades que enfrentam a atual pandemia da Covid-19. Dessa forma, as experiências e vivências dos sujeitos históricos são desiguais diante das especificidades socioeconômicas, onde determinadas pessoas estão mais submissas a morte porque estão submetidas à falta de oportunidades como: emprego, transporte, moradia, e saneamento básico. Não adianta apenas o discurso e o ato médico se as condições do meio em que as pessoas vivem não as permitem, ao menos, lavar as mãos em água potável porque não possuem saneamento básico; ficar em casa porque precisam se deslocar em transportes públicos para chegarem ao local de trabalho, ou até mesmo porque vivem em situações precárias de habitação ou situação de rua. A pobreza não permite a compra de máscaras e álcool gel e de outros produtos para ter os devidos cuidados com o corpo.

É necessário divulgar reflexões com informações adequadas, pois a maioria da população tem acesso às informações do senso comum divulgadas excessivamente nos meios de comunicação e não por livros e dados mais consistentes. A informação inadequada pode gerar muitas dúvidas e males. Para enfrentar uma pandemia é necessário que toda a sociedade tenha consciência, porque a ignorância também pode ajudar a matar.

A morte e a doença equalizam todos os seres humanos em todas as temporalidades históricas, o que difere é como e onde buscar ajuda para obter cuidados adequados para não morrer, e, se a morte ocorrer, que não tenha sido negligenciada mediante o descaso em nome de poderes e lucros.

**Bibliografia:**

BISSIO, Beatriz. *O mundo falava árabe. A civilização árabe islâmica através da obra de Ibn Khaldun e Ibn Battuta*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CAIRUS, Henrique F. *Ares, águas e lugares*. In: CAIRUS, HF., and RIBEIRO JR., WA. *Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

GEISON, Gerald. *A ciência particular de Loius Pasteur*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

ILLICH, Ivan. *A expropriação da saúde. Nemêsis da medicina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

LE GOFF, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval*. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MAGIOLI, Carlos Alberto. *Abate Clandestino*, 2017. Disponível in <<https://animalbusiness.com.br/colunas/inspecao-e-alimentos/abate-clandestino/>> Acesso: 22/07/2020.

MARTINHO, José. 1348. *A peste negra*. Rio de Janeiro: Excalibur, 2017.

NICOLAU. Paula Bacelar. *Microrganismo e Ambiente: Ar e água, solo e extremos*. Universidade Aberta. Disponível in: <[https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/6135/1/UT4\\_Microrganismos%20e%20Ambiente.pdf](https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/6135/1/UT4_Microrganismos%20e%20Ambiente.pdf)> Acesso: 20/07/2020.

OLIVEIRA, L. H. S. *Virologia Humana*. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1994.

ORGEL, Leslie. *As origens da vida: Moléculas e Seleção Natural*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.

ROONEY, Anne. *A história da medicina: das primeiras curas aos milagres da medicina moderna*. São Paulo: M. Books do Brasil, 2013.

VIGARELLO, Georges. *O limpo e o sujo, uma história da higiene corporal*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

\_\_\_\_\_ *História da Beleza: o corpo e a arte de se embelezar, do renascimento aos dias de hoje*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

VILLELA, Marcos Marreiro; Ferraz, Marcela Lancine. *Dicionário de Ciências Biológicas e Biomédicas*. Atheneu, Rio de Janeiro, 2007.

TASCHNER, Natália. Pasternak. *Ivermectina é o novo bezerro de ouro da pandemia*. Revista Questão de Ciência, 15 jun. 2020.

TONIOLO, Neto J. “*Dia de Vacinação do Idoso*” e “*Projeto VigiGripe*”: *Conjunto de medidas interativas para a prevenção da influenza e suas complicações*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de São Paulo. Programa de Pós-graduação em Medicina Interna e Terapêutica. São Paulo: Escola Paulista de Medicina, 2001.

UJVARI, Stefan Cunha. *A história e suas epidemias. A convivência do homem com os microrganismos*. Rio de Janeiro, Senac Rio; São Paulo, Senac São Paulo, 2003.